

Dividir o trabalho, garantir alimento e gerar renda: a experiência da família de Nalvinha



A trajetória da agricultora, assentada da reforma agrária, Ednalva da Silva Nascimento Santos, conhecida como Nalvinha, de seu esposo Israel de Lima Santos e de seus filhos Isaac Nascimento Santos, de 17 anos, e Isabele Nascimento Santos, de 11 anos, expressa a resistência camponesa, a convivência com o Semiárido e o fortalecimento da agricultura familiar no Semiárido paraibano.

Nalvinha e Israel nasceram e cresceram no território onde hoje se localiza o Assentamento José Antônio Eufrouzino - Monte Alegre, zona rural de Campina Grande, construindo, desde cedo, uma relação de pertencimento com a terra e com o trabalho rural. O desejo de viver da própria produção sempre orientou as decisões da família, mesmo diante das dificuldades de acesso à terra e às condições adequadas de produção.

Antes de residir definitivamente na atual propriedade, a família morou por um período na casa do pai de Nalvinha, em São José da Mata, distrito de Campina Grande, e depois em uma pequena casa no assentamento, onde o espaço era limitado para ampliar a criação animal. Buscando fortalecer a base produtiva, trabalharam em uma fazenda da região onde Nalvinha cuidava da casa e Israel manejava os animais. “A gente queria viver e produzir do que é da gente, passamos muito tempo trabalhando nas terras de outras pessoas, mas assim que conquistamos a nossa terra, nos dedicamos totalmente a ela”, ressaltou Nalvinha.

Em 2018, conquistaram a área de 18 hectares onde vivem hoje, iniciando o processo de estruturação do agroecossistema. A casa que existia na propriedade estava em condições precárias, exigindo reformas estruturais realizadas com recursos próprios. Ao longo do tempo, acessaram políticas públicas como o Pronaf B, que possibilitou a construção de estruturas e a ampliação da produção animal e vegetal, como galinheiro, pocilga e o plantio de palma forrageira. Em 2019, a mudança para a propriedade ocorreu de forma definitiva, marcando o início de uma nova etapa de reorganização produtiva e familiar, quando passaram a se dedicar integralmente ao trabalho em sua própria terra.



No dia a dia, a família se divide nas tarefas. Israel e Isaac se concentram no manejo dos animais de maior porte, na alimentação e na ordenha. Isabelle contribui com os cuidados das aves, dos suínos e das ovelhas, além das atividades no quintal produtivo. Nalvinha organiza o espaço doméstico, cuida das plantas e coordena a produção de derivados do leite que são comercializados na comunidade e na feira, como queijo de coalho e manteiga, além de doces artesanais.

Ao longo dos anos, a família estruturou um sistema diversificado, com a criação de vacas, bezerros, galinhas de capoeira, guinés, gansos, ovelhas e suínos. No roçado, cultivam milho jabatão, feijão macassar sempre verde e palma forrageira para alimentação animal. No quintal, mantêm frutíferas como acerola, manga, goiaba, mamão, pitaita e romã. Entre as estratégias de convivência com o Semiárido, a família guarda, em seu banco familiar, variedades crioulas de feijão, milho e favas. Essa prática, aliada à participação no banco comunitário de sementes, tem fortalecido a autonomia produtiva da família, a conservação da agrobiodiversidade e a soberania alimentar.

O acesso às tecnologias sociais de convivência com o Semiárido foi fundamental para tornar a produção mais sustentável. O reúso de água, implementado em 2022, permitiu expandir o cultivo de frutíferas. Já a cisterna calçadão, instalada em 2024, garantiu ampliação da produção animal e vegetal. Mesmo dispondo de água encanada, fruto de investimento próprio com compra de canos e instalação, a família prioriza a água armazenada nas cisternas, reduzindo custos e assegurando maior autonomia na gestão dos bens comuns.





A principal fonte de renda da família está na transformação do leite em queijo de coalho. A produção exige rigor sanitário, conhecimento técnico e disciplina diária, desde a ordenha até o ponto ideal da massa. A comercialização ocorre na comunidade, em pontos fixos da cidade e, principalmente, na Feira Agroecológica do Agreste, em Campina Grande, onde a família consolidou uma clientela fiel.

“A gente tinha perdido um ponto fixo de venda e agora ganhamos a Feira Agroecológica, que hoje é uma maravilha pra gente. Estamos semanalmente comercializando nossos alimentos”, disse Nalvinha. Em média, a família comercializa de 20 a 25 quilos de queijo por semana, garantindo fluxo contínuo de renda e maior estabilidade econômica.

A família também está inserida na organização comunitária. Nalvinha participa do Fórum de Lideranças do Agreste (FOLIA), da associação local, do banco de sementes comunitário, e do sindicato. Isaac integra o Fundo Rotativo Solidário (FRS) de Juventude contribuindo para iniciativas que apoiam jovens do território e fortalecem a permanência no campo. Essa participação amplia as possibilidades de aprendizagem, cooperação e construção de soluções coletivas de convivência com o Semiárido. Atualmente, Isaac está inscrito em curso técnico de Zootecnia. “Essa é uma área que eu já gosto, quero aprender mais e continuar fortalecendo o manejo com a criação animal da minha família”, afirmou o jovem.

Entre os planos da família está a ampliação do plantio de palma forrageira, estratégia fundamental para enfrentar períodos de estiagem e garantir alimentação para os animais. Também mantêm a preservação de espécies nativas da Caatinga, como pereiro, catingueira, faveleira, cardeiro, entre outras, reconhecendo sua importância ecológica para o equilíbrio do agroecossistema.





A experiência da família evidencia que produzir, beneficiar e comercializar são etapas que andam juntas na construção da autonomia camponesa. A divisão do trabalho, o acesso à água, às políticas públicas e às tecnologias sociais, aliados à organização coletiva, possibilitam gerar renda, garantir alimento e fortalecer a agricultura familiar de base agroecológica.

Assim, a trajetória de Nalvinha, Israel e seus filhos revela que é possível construir dignidade no campo por meio da cooperação, do planejamento e do cuidado com o território, reafirmando a agroecologia como caminho possível para a sustentabilidade e a permanência no Semiárido.

